O pescador e sua mulher

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez um pescador e sua mulher, que moravam juntos num penico, bem perto do mar. Todos os dias o pescador ia pescar: pescava e pescava.

Certa vez, estava junto à vara, olhando sem parar para a água límpida: ficava sentado e sentado.

Então o anzol foi ao fundo, bem fundo, e, quando o puxou, tirou da água um grande linguado. O linguado lhe disse: “Escute, pescador, por favor, deixe-me viver! Não sou um linguado de verdade, sou um príncipe enfeitiçado. De que lhe serve me matar? Eu nem teria um gosto muito bom. Ponha-me de volta na água e me deixe nadar.” “Ora”, disse o homem, “não precisa falar tanto. Um linguado que sabe falar eu certamente deixaria nadar.” Pôs o peixe de volta na água límpida. O linguado desceu ao fundo, deixando atrás de si uma longa faixa de sangue. O pescador se levantou e voltou para a mulher no penico.

“Marido”, disse a mulher, “não pegou nada hoje?” “Não”, disse o homem. “Peguei um linguado que disse ser um príncipe enfeitiçado; então o deixei nadar de novo.” “E não pediu nada?”, perguntou a mulher. “Não”, disse o homem. “O que eu haveria de pedir?” “Ah”, disse a mulher, “é horrível morar sempre aqui neste penico! Isto fede e é tão nojento! Podia ter pedido uma cabaninha para nós. Vá até lá e chame-o. Diga que queremos uma cabaninha: ele certamente fará isso.” “Ah”, disse o homem, “por que eu voltaria lá?” “Ora”, disse a mulher, “você o tinha apanhado e o deixou nadar de novo. Ele certamente fará isso. Vá agora mesmo!” O homem ainda não queria muito, mas também não queria contrariar a mulher e foi até o mar.

Quando chegou, o mar estava todo verde e amarelo e já não era tão límpido. Parou e disse:

"Manntje, Manntje, Timpe Te,
linguadinho, linguadinho no mar,
minha mulher, a Ilsebill,
não quer aquilo que eu quero."

O linguado veio nadando e disse: "E então, o que ela quer?" "Ah", disse o homem, "eu o apanhei, e agora minha mulher diz que eu devia ter pedido alguma coisa. Ela não quer mais morar no penico; gostaria de uma cabana." "Pode ir", disse o linguado. "Ela já a tem."

O homem voltou. Sua mulher já não estava no penico: ali havia uma cabaninha, e ela estava sentada num banco diante da porta. A mulher o pegou pela mão e lhe disse: "Entre, veja: agora está muito melhor!" Entraram. A cabana tinha uma pequena entrada, uma salinha e um quarto encantadores, onde havia uma cama, além de cozinha e despensa. Tudo estava muito bem equipado com utensílios e arrumado da melhor maneira, com estanho e latão, tudo o que cabia ali. Atrás havia um pequeno pátio com galinhas e patos e uma hortinha com verduras e frutas. "Veja", disse a mulher, "não é bonito?" "Sim", disse o homem, "assim deve ficar. Agora vamos viver muito contentes." "Vamos pensar nisso", disse a mulher. Comeram alguma coisa e foram para a cama.

Assim se passaram uns oito ou catorze dias. Então a mulher disse: "Escute, marido, a cabana é apertada demais, e o pátio e o jardim são tão pequenos! O linguado podia ter nos dado uma casa maior. Eu gostaria de morar num grande castelo de pedra. Vá até o linguado: ele deve nos dar um castelo." "Ah, mulher", disse o homem, "a cabana é boa o bastante. Para que morar num

castelo?" "Ora essa!", disse a mulher. "Vá até lá, o linguado sempre pode fazer isso." "Não, mulher", disse o homem. "O linguado acabou de nos dar a cabana. Não quero voltar já outra vez; isso poderia aborrecê-lo." "Vá!", disse a mulher. "Ele pode fazer muito bem e faz com gosto. Vá até lá." O coração do homem ficou tão pesado, e ele não queria ir. Disse consigo: "Isto não está certo." Mas foi assim mesmo.

Quando chegou ao mar, a água estava toda violeta, azul-escura, cinzenta e espessa, e já não verde e amarela. Ainda estava calma, porém. Ele parou e disse:

"Manntje, Manntje, Timpe Te,
linguadinho, linguadinho no mar,
minha mulher, a Ilsebill,
não quer aquilo que eu quero."

"E então, o que ela quer?", disse o linguado. "Ah", disse o homem, um tanto triste, "ela quer morar num grande castelo de pedra." "Pode ir, ela está diante da porta", disse o linguado.

O homem foi embora, pensando em voltar para casa. Mas, quando chegou, ali estava um grande palácio de pedra, e sua mulher já estava na escadaria, prestes a entrar. Pegou-o pela mão e disse: "Entre!" Ele entrou com ela. No castelo havia um grande salão de entrada com o chão de placas de mármore e tantos criados que abriam as grandes portas. As paredes eram todas reluzentes, com belos papéis; nos aposentos havia somente cadeiras e mesas de ouro. Lustres de cristal pendiam das vigas, e todas as salas e quartos tinham tapetes. A comida e os melhores vinhos estavam sobre as mesas, como se elas fossem quebrar. Atrás da casa havia também um grande pátio com estábulos de cavalos e vacas e carruagens do melhor tipo; havia ainda um grande e

magnífico jardim, com as mais belas flores e delicadas árvores frutíferas, e um bosque de recreio de cerca de meia milha, com cervos, corças, lebres e tudo o que se pudesse desejar. “Então”, disse a mulher, “agora não é bonito?” “Ah, sim”, disse o homem. “Assim deve ficar. Agora vamos morar neste belo castelo e ficar satisfeitos.” “Vamos pensar nisso”, disse a mulher, “e dormir sobre o assunto.” Foram para a cama.

Na manhã seguinte, a mulher acordou primeiro. Mal amanhecera, e, da cama, ela viu a terra magnífica estendida diante de si. O homem ainda se espreguiçava quando ela o cutucou no lado com o cotovelo e disse: “Marido, levante e olhe pela janela. Veja, não poderíamos ser rei de toda esta terra? Vá até o linguado: queremos ser rei.” “Ah, mulher”, disse o homem, “para que ser rei? Não quero ser rei.” “Então”, disse a mulher, “se você não quer ser rei, eu quero ser rei. Vá até o linguado: quero ser rei.” “Ah, mulher”, disse o homem, “por que você quer ser rei? Não posso dizer isso a ele.” “Por que não?”, disse a mulher. “Vá imediatamente, preciso ser rei.” O homem saiu muito triste porque sua mulher queria se tornar rei. “Isto não está certo, não está certo”, pensava. Não queria ir, mas foi assim mesmo.

Quando chegou ao mar, ele estava todo cinza-escuro; a água fermentava de baixo para cima e também fedia muito. Ele parou e disse:

“Manntje, Manntje, Timpe Te,
linguadinho, linguadinho no mar,
minha mulher, a Ilsebill,
não quer aquilo que eu quero.”

“E então, o que ela quer?”, disse o linguado. “Ah”, disse o homem, “ela quer se tornar rei.” “Pode ir, ela já é”, disse o linguado.

O homem voltou e, ao chegar ao palácio, viu que o castelo crescera muito, com uma grande torre e magníficos ornamentos. Havia uma sentinela diante da porta e muitos soldados, tímpanos e trombetas. Quando entrou, tudo era de mármore puro e ouro, com cobertas de veludo e grandes borlas de ouro. As portas se abriram para o salão onde estava toda a corte, e sua mulher estava sentada num alto trono de ouro e diamante, com uma grande coroa de ouro e, na mão, um cetro de ouro puro e pedras preciosas. Dos dois lados, seis donzelas formavam uma fila, cada uma uma cabeça mais baixa que a outra. Ele parou e disse: “Ah, mulher, agora você é rei?” “Sim”, disse a mulher, “agora sou rei.” Ele ficou ali, olhando-a. Depois de contemplá-la por algum tempo, disse: “Ah, mulher, como fica bonito quando você é rei! Agora não vamos desejar mais nada.” “Não, marido”, disse a mulher, muito inquieta, “já estou ficando entediada. Não aguento mais. Vá até o linguado. Sou rei; agora também preciso me tornar imperador.” “Ah, mulher”, disse o homem, “como você quer se tornar imperador?” “Marido”, disse ela, “vá até o linguado, quero ser imperador.” “Ah, mulher!”, disse o homem. “Ele não pode fazer um imperador! Não posso dizer isso ao linguado. Só há um imperador no reino. O linguado não pode fazer um imperador, não pode, não pode.” “O quê?”, disse a mulher. “Eu sou rei, e você é apenas meu marido. Vai agora mesmo? Vá já! Se ele pode fazer um rei, também pode fazer um imperador. Quero e quero ser imperador. Vá agora mesmo!” Ele teve de ir. Enquanto caminhava, ficou cheio de medo e pensou consigo: “Isto não vai acabar bem, não vai. Imperador é uma grande falta de vergonha; no fim, o linguado vai se cansar.”

Chegou ao mar. Ele continuava todo negro e espesso e já começava a fermentar de baixo para cima, soltando bolhas. Uma rajada de vento passava sobre ele e o revolvia. O homem foi tomado de pavor. Parou e disse:

“Manntje, Manntje, Timpe Te,
linguadinho, linguadinho no mar,
minha mulher, a Ilsebill,
não quer aquilo que eu quero.”

“E então, o que ela quer?”, disse o linguado. “Ah, linguado”, disse ele, “minha mulher quer se tornar imperador.” “Pode ir”, disse o linguado, “ela já é.”

O homem voltou. Quando chegou, o castelo inteiro era de mármore polido, com figuras de alabastro e enfeites de ouro. Diante da porta, os soldados marchavam, tocavam trombetas e batiam tímpanos e tambores. Dentro da casa, porém, barões, condes e duques andavam de um lado para outro como criados. Abriram para ele as portas de ouro puro. Ao entrar, viu sua mulher sentada num trono feito de uma única peça de ouro, de umas duas milhas de altura. Tinha uma grande coroa de ouro, de três côvados de altura, guarnecida de brilhantes e carbúnculos; numa mão segurava o cetro e, na outra, o orbe do império. Dos dois lados, os guardas formavam duas fileiras, cada um menor que o outro, desde o maior gigante, que tinha duas milhas de altura, até o menor anão, do tamanho de meu dedinho. Diante dela estavam muitos príncipes e duques. O homem passou entre eles e disse: “Mulher, agora você é imperador?” “Sim”, disse ela, “sou imperador.” Ele ficou olhando-a bem e, depois de contemplá-la por algum tempo, disse: “Ah, mulher, como fica bonito quando você é imperador!” “Marido”, disse ela, “por que está aí parado? Agora sou imperador, mas quero também ser papa. Vá até o linguado.” “Ah, mulher”, disse o homem, “o que mais você vai querer? Não pode ser papa. Só há um papa na cristandade; isso ele não pode fazer.” “Marido”, disse ela, “quero ser papa. Vá agora mesmo: preciso ser papa ainda hoje!” “Não, mulher”, disse o homem, “não posso dizer isso a ele. Não vai acabar bem, é grosseiro demais. O linguado não pode fazer de você papa.” “Marido, que conversa!”, disse a mulher. “Se pode fazer um imperador, também pode fazer

um papa. Vá imediatamente! Eu sou imperador, e você é apenas meu marido. Vai ou não vai?" Ele ficou com medo e foi, mas estava muito fraco, trêmulo e assustado; os joelhos e as panturrilhas lhe bambeavam. Um vento varria a terra, as nuvens voavam, e escurecia perto do anoitecer. As folhas eram arrancadas das árvores; a água rugia e se agitava como se fervesse, batendo na margem. Ao longe, ele viu navios em apuros, que disparavam em sinal de socorro, dançavam e saltavam sobre as ondas. O céu ainda tinha um pouco de azul no meio, mas, dos lados, vinha um vermelho intenso, como numa forte tempestade. Muito desalentado e cheio de medo, parou e disse:

"Manntje, Manntje, Timpe Te,
linguadinho, linguadinho no mar,
minha mulher, a Ilsebill,
não quer aquilo que eu quero."

"E então, o que ela quer?", disse o linguado. "Ah", disse o homem, "ela quer se tornar papa." "Pode ir, ela já é", disse o linguado.

Ele voltou. Ao chegar, havia ali algo como uma grande igreja cercada de palácios. Abriu caminho pela multidão. Lá dentro tudo era iluminado por milhares e milhares de luzes. Sua mulher estava vestida só de ouro, sentada num trono ainda muito mais alto, com três grandes coroas de ouro na cabeça e rodeada de muita pompa eclesiástica. Dos dois lados havia duas fileiras de luzes, desde a maior, tão grossa e grande quanto a maior das torres, até a menor luzinha de cozinha. Todos os imperadores e reis estavam de joelhos diante dela, beijando-lhe a pantufa. "Mulher", disse o homem, olhando-a bem, "agora você é papa?" "Sim", disse ela, "sou papa." Ele ficou olhando-a bem, como se olhasse para o sol em pleno brilho. Depois de contemplá-la por algum tempo, disse: "Ah, mulher, como fica bonito quando você é papa!" Mas ela estava sentada rígida como uma árvore e não se mexia nem se movia.

Então ele disse: “Mulher, fique satisfeita agora. Já que é papa, não pode se tornar mais nada.” “Vou pensar nisso”, disse a mulher. Os dois foram para a cama. Ela, porém, não estava satisfeita, e a cobiça não a deixava dormir. Pensava sem parar no que ainda queria ser.

O homem dormia muito bem e profundamente, pois naquele dia caminhara muito. A mulher, porém, não conseguia adormecer. Virou-se de um lado para outro a noite inteira, pensando sem parar no que ainda poderia se tornar, mas já não conseguia lembrar de mais nada. O sol estava para nascer. Ao ver a aurora, ela se endireitou na cama e ficou olhando; quando viu o sol subir pela janela, pensou: “Ah! Eu não poderia também fazer nascer o sol e a lua?” “Marido”, disse ela, cutucando-lhe as costelas com o cotovelo, “acorde! Vá até o linguado. Quero ser como o bom Deus.” O homem ainda estava quase dormindo, mas se assustou tanto que caiu da cama. Achou que tinha ouvido mal, esfregou os olhos e disse: “Ah, mulher, o que você disse?” “Marido”, disse ela, “se eu não puder fazer nascer o sol e a lua e tiver de ficar olhando o sol e a lua nascerem, não aguento. Não terei mais uma hora de sossego enquanto não puder fazê-los nascer eu mesma.” Olhou para ele de um jeito tão terrível que um calafrio o percorreu. “Vá agora mesmo! Quero ser como o bom Deus.” “Ah, mulher”, disse o homem, caindo de joelhos diante dela, “isso o linguado não pode fazer. Pode fazer imperador e papa. Eu lhe peço: caia em si e continue sendo papa!” Então ela se enfureceu; os cabelos voavam desordenados em torno da cabeça. Rasgou o corpete, deu-lhe um pontapé e gritou: “Não aguento! Não aguento mais! Vai ou não vai?” Ele enfiou as calças e saiu correndo como um desatinado.

Lá fora, porém, a tempestade rugia tanto que ele mal conseguia ficar em pé. Casas e árvores eram derrubadas pelo vento, montanhas tremiam, pedaços de rocha rolavam para o mar. O céu estava inteiramente negro como piche, trovejava e relampejava; o mar se erguia em ondas negras tão altas quanto

torres de igreja e montanhas, todas com uma coroa branca de espuma no alto. Então ele gritou, sem conseguir ouvir a própria voz:

“Manntje, Manntje, Timpe Te,
linguadinho, linguadinho no mar,
minha mulher, a Ilsebill,
não quer aquilo que eu quero.”

“E então, o que ela quer?”, disse o linguado. “Ah”, disse ele, “ela quer ser como o bom Deus.” “Pode ir: ela já está de novo no penico.”

Lá estão eles até hoje, até o dia de hoje....

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Produção: Bons Filhos Educação
Revisão: Codex · revisão independente por IA
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-pescador-e-sua-mulher